

Masculinidades hegemônicas e subalternas em Lygia Bojunga

ROSANIA ALVES MAGALHÃES*

Resumo

Este artigo analisa “O bife e a pipoca”, narrativa contida no livro *TCHAU*, de Lygia Bojunga, a partir da teoria proposta por Robert W. Connell a respeito das masculinidades. Nesta narrativa, percebem-se as relações de poder engendradas nas representações de diferentes masculinidades, em que Bojunga possibilita um diálogo entre as experiências de um menino negro, pobre e as experiências de um menino de classe média alta.

Palavras-chave: Masculinidades; Identidades; Literatura Brasileira.

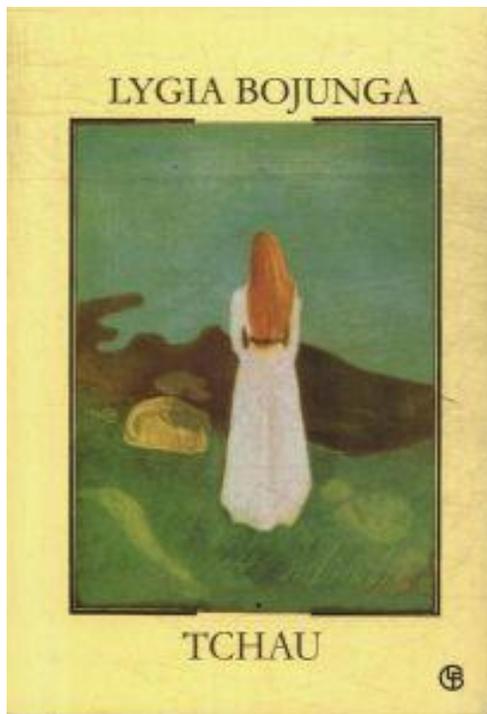
Abstract

This article reflects on the theory proposed by Robert W. Connell regarding masculinities, in the chapter of the book *TCHAU*, titled, "The steak and the popcorn". In this narrative, one perceives the power relations engendered in the representations of different masculinities, in which Bojunga allows a dialogue between the experiences of a black boy, poor and the experiences of a boy of upper middle class.

Key words: Masculinities; Identities; Brazilian Literature.



* ROSANIA ALVES MAGALHÃES é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



Introdução

O presente artigo analisa “O bife e a pipoca”, narrativa contida no livro *TCHAU*, de Lygia Bojunga, publicado em 2014, a partir da teoria proposta por Robert W. Connell a respeito das masculinidades, objetivando analisar as relações de poder engendradas nas representações de diferentes tipos de homens.

Neste sentido, para realizarmos uma análise da obra de Bojunga (2014), procuramos dividir este trabalho em três partes. A primeira contempla o fundamento da violência simbólica, os lugares e posições sociais ocupados pelos corpos, segundo a perspectiva de Pierre Bourdieu (2011) e Guacira Lopes Louro (2004). A segunda parte, traz à luz discussões que evidenciam múltiplas hierarquias nas práticas masculinas, apontando para um desprestígio das masculinidades subalternas em relação às masculinidades hegemônicas nas relações de poder. Por fim, a terceira

parte reflete sobre “O bife e a pipoca”, do livro *Tchau* (BOJUNGA, 2014) em que se confronta a realidade social de Tuca e Rodrigo, demonstrando como os vários tipos de masculinos caracterizam-se como um espaço simbólico de sentido, em que se estrutura a hegemonia masculina que orienta as construções de identidades e modelam comportamentos a serem seguidos, mas, sobretudo, conforme dizeres de Kimmell (1998) revela a existência de masculinidades hegemônicas e subalternas baseadas em interações mútuas, porém desiguais, de ordem social e econômica.

O fundamento da violência simbólica: os lugares e posições sociais ocupados pelos corpos

O fundamento da violência simbólica não reside nas consciências mistificadas, mas sim nas estruturas de dominação que a produzem (BOURDIEU, 2001). Desse modo, só se pode romper com essa relação de cumplicidade que as vítimas têm com os dominadores, por meio de uma transformação radical dessas condições sociais, que são produtoras de tendências e fazem com que os dominados adotem sobre os dominantes, e sobre si mesmos, o ponto de vista dos dominantes. De forma que a violência simbólica não se processa senão através de um ato de conhecimento ou ‘poder hipnótico’, mas, sobretudo, de uma relação de domínio que só funciona por meio dessa cumplicidade de tendências que se perpetuam nas estruturas de um mercado de bens simbólicos.

Percebe-se que Bourdieu (2011) ao discutir sobre a dominação masculina como categoria sociológica, não trata de oposições somente entre homem e mulher, mas, sobretudo, entre rico e pobre, branco e negro, homem e gay.

Segundo o autor, a “[...] força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos” (BOURDIEU, 2011, p. 50).

Louro (2004) explica que o corpo determina os lugares sociais ou as posições sociais no interior de um grupo. Assim, os sujeitos são classificados, hierarquizados e definidos segundo a aparência de seus corpos, segundo padrões e referências; normas, valores e ideais da cultura. Portanto, características pessoais são significadas culturalmente e se tornam marcas relacionadas à raça, ao gênero, à etnia, à classe e à nacionalidade. “A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis, o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são sempre significados culturalmente [...]”. (LOURO, 2004, p. 75). Essas características podem definir o lugar social de um sujeito, ou, dependendo do grupo cultural, ser irrelevantes. O fato é que “características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder” (LOURO, 2004, p. 76).

Segundo Louro (2004), as múltiplas e distintas identidades constituem o sujeito, conforme são interpelados por diferentes situações, instituições ou grupos sociais. Quando o indivíduo se reconhece numa identidade, e se sente pertencente a determinado grupo social de referência é porque sua resposta a tal interpelação foi positivamente aceita. Portanto, Louro (2004) adverte que seria um engano pensar em identidades de gênero e sexuais como algo generalizável para qualquer cultura,

tempo e lugar. A antiga concepção que vinculava a experiência sexual humana à ordem social dá lugar a novos paradigmas.

Formulações filosóficas, religiosas e teóricas ligadas ao Iluminismo; novos arranjos entre as classes sociais decorrentes da Revolução Francesa e do conservadorismo pós-revolucionário; mudanças nas relações entre homens e mulheres, vinculadas ao industrialismo, a divisão social do trabalho, são algumas das condições que possibilitam essa mudança de paradigmas (LOURO, 2004, p. 78).

Contudo, conforme salienta Oliveira (1998), os homens brancos de classe média quando se olham no espelho enxergam-se como um ser humano universalmente generalizável, uma vez que não percebem como o gênero, a raça e a classe afetam suas experiências. Neste sentido, Kimmel (1998) explica que a visão de masculinidade dos homens norte-americanos, parte de uma definição particular que é sustentada como único modelo, em que todos nós nos medimos. Para tanto, Kimmel (1998) recorre ao sociólogo Erving Goffman, que afirma:

Há apenas um homem completo e sem rubores na América do Norte: um jovem, casado, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, pai, com educação superior, bem empregado, bem apessoado, de bom peso e boa estatura, e com algum recorde esportivo recente... Qualquer homem que não se qualifica em alguma dessas categorias provavelmente irá ter uma imagem de si mesmo – pelo menos durante alguns momentos – como sem valor, incompleto e inferior (GOFFMAN *apud* KIMMEL, 1998, p. 106-107).

De acordo com Oliveira (2004), as definições do termo masculinidade têm

sido insuficientes, no que se refere à sua força de influência histórica, social e cultural. Portanto, a masculinidade caracteriza-se como um espaço simbólico de sentido, em que se estrutura a hegemonia masculina, ainda bastante valorizada, que serve de bússola de orientação para construções de identidades que modelam comportamentos a serem seguidos.

Segundo Connell (1995), existe uma narrativa convencional sobre a construção das masculinidades, pois toda cultura tem uma conduta e sentimentos que os homens devem seguir. Portanto, homens são ensinados desde cedo a agirem e se distanciarem de tudo que os aproxima do feminino, compreendido como o oposto. Dessa forma, “a maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, freqüentemente, a repressão de seus sentimentos” (CONNELL, 1995, p. 190). Neste sentido, o homem esforça-se de forma árdua para corresponder à norma masculina, podendo levá-lo à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres.

Múltiplas hierarquias nas práticas masculinas.

Para Simon (2016), o conceito de masculinidades hegemônicas relaciona-se com práticas masculinas que evidenciam múltiplas hierarquias, de modo que apontam para as subalternas caracterizadas pelo desprestígio em relação às formas mais valorizadas de masculinidades, em diferentes contextos. A respeito das hegemonias, Connell e Messerschmidt (2013) propõem um modelo de masculinidades em múltiplas relações de poder. Aliás, “o poder e a diferença foram conceitos centrais no movimento de liberação gay, o qual desenvolveu uma análise

sofisticada da opressão do homem, assim como da opressão pelo homem” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 244).

De acordo com Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica se diferencia das subordinadas, pois, ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, pois se exige que os homens se posicionem, no sentido de legitimar ideologicamente, submetendo as mulheres aos homens. Neste contexto, homens que foram beneficiados pelo patriarcado, mesmo que não adotassem uma versão forte de dominação masculina são considerados cúmplices desta masculinidade hegemônica. Portanto, conforme salientam esses autores, “a sobreposição entre masculinidades também pode ser vista em termos dos agentes sociais construindo masculinidades” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253).

Nesse contexto, Kimmel (1998), ressalta que as masculinidades se constroem em dois campos inter-relacionados de relações de poder: nas relações de homens e mulheres e dos homens com outros homens, ou seja, desigualdades de gêneros baseadas em raça, etnia, sexualidade, idade, etc. “Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia” (KIMMEL, 1998, p. 105). Desse modo, observa-se que as masculinidades hegemônicas e subalternas surgiram em uma interação mútua, porém, desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros.

Além desses dois campos, Kimmel (1998), pressupõe a masculinidade como uma construção nas relações de poder em que a questão da invisibilidade é uma questão política na

qual os processos que favorecem o privilégio a um grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são privilegiados. Portanto, a “invisibilidade é um privilégio em dois sentidos – tanto descrevendo as relações de poder que são mantidas pela própria dinâmica da invisibilidade, quanto no sentido de privilégio como um luxo” (KIMMEL, 1998, p.105).

A respeito das relações de poder, Foucault (1995) argumenta que não depende do consentimento, nem tampouco da renúncia a uma liberdade ou da transferência de direito, mas, sobretudo, “um modo de ação que não age direta ou imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais [...]”. (FOUCAULT, 1995, p. 243). Porém, o autor adverte que o poder só se efetiva sobre “sujeitos livres”, ou seja, “sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 1995, p. 244).

“O bife e a pipoca” no contexto das masculinidades

O conto “O bife e a pipoca” trata do contraste entre o mundo abastado de Rodrigo e a vida na favela de Tuca. Demonstrando as diferenças sociais de ambos e a representação das masculinidades na realidade que os cerca, bem como da constituição de suas masculinidades e suas interações. Observa-se que Turíbio Carlos, Tuca, se sentia constrangido com sua identidade. Ao ser questionado pelo professor de geografia, como era seu nome, seus colegas de sala começaram a rir, pois “era a primeira vez que eles ouviam o Tuca falar: ele não puxava conversa, não entrava em grupo nenhum, e na

hora do recreio ficava sempre estudando” (BOJUNGA, 2014, p. 48-49). Apesar do motivo do riso dos colegas ser outro, Tuca achava que estavam rindo do seu nome. Entretanto, percebe-se que nas inter-relações a subordinação parte do próprio dominado, pois essa preocupação com a identidade está diretamente relacionada às relações de poder econômico, especialmente entre homens negros.

Entretanto, observa-se que a Instituição Escolar representada pela figura do Professor de Geografia corrobora para a submissão desse indivíduo jovem pobre, que representa a masculinidade subordinada, no caso Tuca. Turíbio Carlos, ao ser aglutinado torna-se “Tuca”, nome menor que identifica alguém menor, em relação ao grupo escolar no qual está inserido, pois conforme dito anteriormente, trata-se de um jovem proveniente de família humilde. A recusa do professor em chamar o jovem pelo nome composto, Turíbio Carlos, revela uma resistência ao que soa mal, gera desconforto ao ser pronunciado, pois traz a ideia de pobreza. Em contrapartida, de acordo com o “Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes”, de Rosário Farâni Mansur Guérios, o nome Rodrigo, de origem germânica significa “senhor da glória”, aparece na narrativa como representante da masculinidade hegemônica.

Em relação à cor da pele do personagem Tuca, na narrativa, a mesma não é revelada, porém fica latente a discrepância entre a situação social de Rodrigo e Tuca, pois o ingresso de Tuca na “Escola de rico”, somente se deu devido ao fato dele ter ganhado uma bolsa de estudo. Porém, a inserção de Tuca, representante da masculinidade subalterna, no grupo escolar do qual fazia parte o personagem Rodrigo,

representante da masculinidade hegemônica, revelou que apesar de ter se destacado em seu grupo escolar de origem, ele era o mais atrasado da turma, ficando Rodrigo espantado quando Tuca relatara ser o primeiro da classe, em sua escola de origem, pois “naqueles primeiros dias de aula já tinha dado pra ver que o Tuca estava sempre por fora” (BOJUNGA, 2014, p.51), por isso Rodrigo resolveu ajudar o amigo com os estudos.

Neste sentido, percebe-se que a instituição escolar, nas relações de poder, separa o lugar para os diferentes tipos de sujeitos. Nota-se que Tuca, representante da masculinidade subordinada, quando comparado o seu desenvolvimento escolar com o grupo escolar de Rodrigo, representante da masculinidade hegemônica, encontra-se numa posição inferior, pois ao chegar à “Escola de rico” fica completamente deslocado. Portanto, constata-se que a situação de desenvolvimento educacional dos diferentes grupos populacionais propicia a comparação entre diferentes tipos de homens em que a masculinidade subalterna encontra-se em inferior à masculinidade hegemônica.

Interessante notar a sensação experimentada por Rodrigo ao descobrir que se encontrava em uma posição de superioridade intelectual em relação ao colega, conforme relata em Carta ao amigo: “Eu nunca tinha pensado que eu ia gostar de ensinar, mas, sabe? quando o Tuca saca o que eu explico me dá uma sensação assim de... sei lá, isso eu não sei explicar. Só sei que é bom” (BOJUNGA, 2014, p.54-55). Rodrigo é quem ensina o conhecimento formal a Tuca. Nota-se que o lugar de experiência, vivência, bagagem, domínio do conteúdo das disciplinas o coloca numa posição privilegiada. Tuca

é aquele que deve ser instruído, ensinado, corrigido, revisado, pois encontra-se numa posição menor, de masculinidade subalterna, mesmo que para Rodrigo, isso não seja, aparentemente, uma relação de poder.

Percebe-se que dois adolescentes, desde cedo são tratados e se enxergam diferentes, reforçando a ideia de sobreposição entre as masculinidades, comandadas por agentes sociais que constroem masculinidades, no caso Rodrigo é aquele que tem dinheiro para o lanche, representante da masculinidade hegemônica, enquanto Tuca, representante da masculinidade subalterna, é aquele que fica na sala de aula porque não tem dinheiro para comprar o lanche. Aliás, é o único da classe que se encontra nesta situação. Conforme se observa no trecho a seguir, Tuca estava faminto e provavelmente não tinha dinheiro para comprar lanche, pois ao término da aula, todos saíram para o recreio, menos o Tuca:

Rodrigo como os outros foi comprar um sanduíche e voltou pra acabar um trabalho [...]. O olho do Tuca foi indo pro sanduíche. Quando chegou lá, quem diz que ia embora? O Rodrigo pegou o sanduíche e deu uma dentada e aí viu que o olho do Tuca tinha também mordido o pão. A boca do Rodrigo foi mastigando. O olho do Tuca mastigou junto. A boca deu outra dentada; o olho mordeu também. A boca foi parando de mastigar; o olho do Tuca foi ver o que tinha acontecido: deu de cara com o olho do Rodrigo: se assustou: voltou correndo pro caderno. De repente o Rodrigo fez um ar meio distraído e estendeu o sanduíche: - Quer? (BOJUNGA, 2014, p. 49-50).

Além disso, o jogo de olho e boca, em que tais órgãos são personificados, revelam as relações de poder entre duas

masculinidades diferentes. O lugar ocupado por Rodrigo é sempre aquele que enche os olhos. O lugar almejado pelo olho de Tuca. Aquele que mastiga com os olhos. Quando o olho de Tuca dá de cara com o olho de Rodrigo aquele se assusta, corre, pois, é coibido de olhar o outro. Novamente, o lugar social é colocado, o olho que não pode comer e a boca que pode comer. A boca de Rodrigo é aquela que pode comer e se deleitar com o seu sanduiche. A boca de Tuca é a que não come e por isso seus olhos comem. Rodrigo era bonzinho, pois até ofereceu a Tuca um pedaço de seu sanduíche, porém, nota-se que na construção das relações de poder, a invisibilidade é uma questão política, na qual os processos que favorecem o privilégio a um grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são privilegiados.

Portanto, a invisibilidade mantém as relações de poder, como mantém o privilégio de luxo da minoria, neste caso, representado por Rodrigo, pois, é fácil se colocar na posição de bonzinho quando se é o beneficiado pelo sistema. Na narrativa, Rodrigo enquanto representante da masculinidade hegemônica é aquele que recebe a melhor educação, alimentação, moradia, etc., pois estuda nas melhores escolas, tem moradia privilegiada, não lhe faltam recursos financeiros para uma sobrevivência digna.

Sabe-se que os corpos podem definir os lugares sociais do sujeito, pois as características dos corpos, culturalmente e socialmente distinguem os sujeitos e os separam numa relação de poder. Assim, na primeira vez que Tuca falou com Rodrigo, conversaram sobre idade: “Rodrigo tinha 11 anos e o Tuca já ia fazer 14! O Rodrigo olhou espantado pra ele: [...]. O Tuca era tão miúdo que ele até tinha pensado que os dois eram

da mesma idade. E aí falaram de estudo” (BOJUNGA, 2014, p. 50). Portanto, percebe-se que o corpo aparece como indicativo do lugar social de ambos. Apesar de Tuca ter três anos a mais que Rodrigo, na narrativa, o corpo magro e miúdo de Tuca, aparece como resultado de uma subnutrição, representando a masculinidade subalterna em oposição ao corpo de Rodrigo, bem alimentado, representando a masculinidade hegemônica.

As hierarquizações não ocorrem somente em classes sociais diferentes, pois as construções das masculinidades hegemônicas e subalternas podem surgir também no contexto de homens da mesma classe, mas com idades diferentes. Tendo como aparato as características dos corpos, evidenciando o poder nas relações do adulto sobre a criança. Como exemplo, pode-se falar da relação de Tuca com o faxineiro que o oferece um biscate, pois Tuca estava desempregado. O jovem ficava lavando sozinho os carros, enquanto o faxineiro ficava no botequim, até que “um dia o Tuca achou que estava trabalhando sozinho demais e que então a tal matemática dos 10% não estava bem certa: reclamou” (BOJUNGA, 2014, p. 60). Porém, o menino se vê obrigado a permanecer naquela relação de exploração, pois conforme o próprio faxineiro, representante da masculinidade hegemônica, justificava que a demanda era de pelo menos 100 moleques por dia que passavam por ali querendo aquele emprego. O que tornava Tuca, representante das masculinidades subalternas, só mais uma vítima nas relações verticais existentes entre adulto x menino.

A sexta parte da narrativa, intitulada “o almoço”, demonstra como Tuca ficou hipnotizado com tanto luxo e fartura na

casa do amigo, Rodrigo. Diante daquele cenário, Tuca ficou desconcertado e, de tão ansioso, deixou o bife cair do prato, conforme trecho a seguir:

Pegou o garfo e espetou no bife, ah, que coisa mais linda: tanta força pra quê?! O garfo tinha se enterrado macio que só vendo, e o Tuca, entusiasmado, pegou a faca pra cortar o bife do mesmo jeito que o irmão mais velho (carpinteiro) pegava o serrote pra cortar madeira. Atacou! O bife não aguentou: escorregou pra fora do prato, deslizou pela toalha levando de companhia um ovo frito, duas rodela de beterraba e um monte de grãos de arroz. Foi tudo se estatelar no tapete. Que era bege bem clarinho (BOJUNGA, 2014, p. 66).

Novamente, assim como na escola, Tuca se encontra num lugar que o desconcerta, pois, o seu referencial de masculinidade é o irmão mais velho, que tem como ofício ser carpinteiro, ou seja, o trabalho pesado, manual. Na hora de transpor o seu referencial de masculinidade para contexto social em que se encontra tudo dar errado, pois Tuca, representante da masculinidade subordinada, não possuía como Rodrigo a etiqueta à mesa. Tuca estava completamente desprovido de um conjunto de regras que o ajudaria portar-se bem nas refeições, pois o jovem pobre, mal tinha o que comer em casa. Em contrapartida, Rodrigo, representante da masculinidade hegemônica, é aquele que sabe portar-se bem nas refeições, ratificando a imagem de “homem” bem-sucedido, seguro de sua posição, digno de respeito.

Além disso, esta cena se contrapõe ao cenário visto na sétima parte do conto, “A pipoca”, em que Rodrigo insiste em acompanhar Tuca até o morro. Ao subir o morro e já exausto de tanto subir:

Rodrigo ia olhando cada barraco, cada criança, cada bicho, vira-lata, porco, rato, olhando tudo que passava: bonito? Estrela? cadê? [...] Será que criança nenhuma tinha sapato? E aquele cheiro de lata de lixo? não ia passar não? E toca a querer assobiar pra disfarçar o susto de ver tanta gente assim vivendo tão feito bicho (BOJUNGA, 2014, p. 71).

Rodrigo constrói sua identidade á semelhança de um rei que, ao se deparar com a realidade miserável de Tuca, se assusta. Agora quem está fora do seu lugar é Rodrigo. Tuca o convida para subir ao morro para comer pipoca, mas já no início da subida se arrepende, pois, apresentar ao amigo sua realidade, comprovava sua condição de masculinidade subalterna. Ao mesmo tempo, era a oportunidade de Tuca demonstrar sua revolta contra esse sistema que o coloca à margem. Portanto, Tuca se revolta com o amigo, depois de lhe apresentar tanta miséria e:

[...] Tuca já tinha virado pra ele de cara feia e já estava gritando:

— Não precisa me dizer! Eu sei muito bem que não dá. Como é que vai dar pra gente ser amigo como você cheirando a talco...

— Eu?!

—... e eu aqui nesse lixo todo. Não precisa me dizer, tá bem? eu sei, EU SEI que não dá (BOJUNGA, 2014, p. 76)

Nota-se que o desabafo de Tuca não é somente em relação ao amigo Rodrigo, mas contra tudo aquilo que ele representa. “O apartamento”, “o tapete bege e fofinho”, “o talco”, o “bife macio e suculento”; “a escola de rico”, tudo encontrava-se em oposição, “ao lixo”, “a lama”, “ao morro”, que representa Tuca. O “estar fora” do seu lugar, a amizade entre um garoto rico e

outro pobre só poderia dar errado. E, é no ímpeto de igualar Rodrigo à sua miséria, que Tuca, num acesso de raiva joga o amigo no lameiro, como tentativa de enxergar em Rodrigo, alguma semelhança. Então disse Tuca a Rodrigo: “Mas antes você vai ficar igual a mim. — E botou toda a força que tinha pra derrubar o Rodrigo no lameiro” (BOJUNGA, 2014, p. 77). Portanto, o espaço social de Tuca revela a Rodrigo algo que é silenciado e invisível nas relações de poder. Através da força física, Tuca evidencia aquilo que era invisível aos olhos de Rodrigo, pois sua posição de privilegiado o impedia de enxergar as discrepâncias sociais que separam um e outro, e que muitas vezes é fator determinante nas diversas formas existentes de ser homem.

Em carta ao amigo Guilherme, Rodrigo desabafa sua incompreensão de tudo que viu e ocorreu no morro. Assim, o garoto desceu o morro, “[...] sem entender por que que aquele mundo de gente não pode viver feito a gente e tem que viver lá na favela do jeito horrível que eles vivem” (BOJUNGA, 2014, p. 79). O contexto social e subjetivo de Rodrigo, o impedem de entender a existência de diferentes masculinidades também, assim como o impedem de entender as diferenças sociais, pois só quem sofre na pele os efeitos da vigência das masculinidades subalternas saberia dizer.

Contudo, Bojunga finaliza o conto demonstrando que, apesar da miséria de Tuca, este tinha algo a oferecer a Rodrigo. Dessa forma, conforme relatado pelo próprio Rodrigo, em carta enviada ao amigo Guilherme: “P.S.: O Tuca tá me ensinando um bolão de macetes de pescaria, e a gente já combinou que todo sábado vai pescar. Com chuva ou sem chuva”

(BOJUNGA, 2014, p. 85). Novamente, o conhecimento e o ensino de Rodrigo aparecem como determinantes nas relações de poder. Tuca, como modelo de masculinidade subalterna, somente poderia oferecer ao amigo, o ensino da vida, da sobrevivência, experiência ligada à natureza, pois o conhecimento formal que requer maior qualificação está vinculado ao modelo hegemônico de masculinidade em nossa sociedade, tendo como representante o personagem Rodrigo.

Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou uma análise sobre a construção das relações de poder, nas representações das masculinidades. Além disso, o trabalho nos possibilitou uma reflexão em torno da estrutura que orienta a construção de identidades e modelos de comportamentos que revelam a existência de masculinidades hegemônicas e subalternas baseadas em fatores de ordem social e econômica.

A respeito das masculinidades hegemônicas e subalterna depreende-se que nem todos os homens foram beneficiados igualmente pela herança do patriarcalismo, pois a sobreposição entre os vários tipos de homens demonstra a existência de um modelo de masculinidades em múltiplas relações de poder. Vimos que as masculinidades hegemônicas estão relacionadas às práticas masculinas que envolvem múltiplas hierarquias, em que as masculinidades subalternas aparecem numa situação de desprestígio em relação às formas valorizadas de masculinidades.

Na narrativa “O bife e a pipoca”, de Lygia Bojunga, ficou demonstrado através as experiências dos personagens Tuca e Rodrigo, que o favorecimento do privilégio das masculinidades

hegemônicas, que tem como fator fundamental a invisibilidade. Tuca, jovem pobre e favelado, surge na narrativa como modelo das masculinidades subalternas, que ao ser inserido na “escola de rico”, e através da sua amizade com Rodrigo sente-se desarticulado diante dos recursos e condições que não lhes são oferecidos. Enquanto, Rodrigo, menino de classe média alta, representante das masculinidades hegemônicas, aparece como pertencente ao grupo daqueles que são beneficiados pelas desigualdades sociais e, portanto, não compreende o processo que dá origem a subalternidade de Tuca.

As masculinidades se constroem nas desigualdades de gêneros, podendo ser baseadas em questões sociais, econômicas, raciais, étnicas, bem como, relacionadas à sexualidade, à idade, etc. Neste contexto, nota-se que o “estar fora” do menino pobre e favelado não se refere apenas, ao espaço geográfico que separa ele e o menino rico, mas tudo aquilo que o faz ser inferior, o atraso escolar em relação aos seus colegas, a falta de condições financeiras para comprar o lanche, a moradia, o bife, a pipoca, a bondade de Rodrigo em relação ao colega. Todos esses fatores propiciam o privilégio daqueles que representam as masculinidades hegemônicas, bem como sua invisibilidade. Além de que, reforça e separa o espaço simbólico de sentido, em que a masculinidade estrutura a hegemonia masculina, ainda bastante valorizada, mas que servem de construções de identidades que modelam comportamentos a serem seguidos

Referências

- BOJUNGA, Lygia. **Tchau**. 17. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bonjunga, 2014.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CONNELL, Robert William. **Políticas da masculinidade**. Educação e realidade. Jul./ dez. 1995. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 06.06.17.
- FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. p.231-249, 1995. Disponível em: <http://www.foucault.ileel.ufu.br/foucault/textos/o-sujeito-e-o-poder>. Acesso em: 23.06.2017.
- KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Traduzido por Andréa Fachel Leal. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, outubro de 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/166076717/3-Livro-Um-Corpo-Estranho-Guacira-Lopes-Louro>. Acesso em: 29.06.2017.
- _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2010.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **Discursos sobre a masculinidade**. Revista Estudos Feministas, V. 6 n. 1(1998).
- SIMON, Luiz Carlos Santos Simon (UEL). **Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil**. Revista Estação Literária. Londrina. V. 16, junho de 2016.

Recebido em 2017-08-03

Publicado em 2018-01-01